

NAVAL E CARCERÁRIO<sup>1</sup>:  
OUTRAS LINGUAGENS NA PRISÃO

Vanuza Souza Silva  
UFPE  
[vanuzaz@hotmail.com](mailto:vanuzaz@hotmail.com)

Tenta fazer esta experiência, construindo um palácio. Equipa-o com mármore, quadros, ouro, pássaros do paraíso, jardins suspensos, todo o tipo de coisas... e entra lá para dentro. Bem, pode ser que nunca mais desejasses sair daí. Talvez, de facto, nunca mais saisses de lá. Está lá tudo! 'Estou muito bem aqui sozinho!'. Mas, de repente - uma ninharia! O teu castelo é rodeado por muros, e é-te dito: 'Tudo isto é teu! Desfruta-o! Apenas não podes sair daqui!'. Então, acredita-me, nesse mesmo instante quererás deixar esse teu paraíso e pular por cima do muro. Mais! Tudo esse luxo, toda essa plenitude, aumentará o teu sofrimento. Sentir-te-ás insultado como resultado de todo esse luxo... Sim, apenas uma coisa te falta... um pouco de liberdade.

(Fiodor Dostoievski, in '*O Movimento de Liberação*'<sup>2</sup>)

1.1- “Da Prisão Dourada”?<sup>3</sup>

“Fato inusitado: Um preso recebe um alvará de soltura da justiça, é liberado da Casa de Detenção do Monte Santo, mas prefere ficar na cadeia. Não quer voltar pra casa<sup>4</sup>. O jornal televisivo coloca a notícia do preso que prefere a prisão a casa na página de “Fatos Inusitados”. A câmara filma o senhor sentado, chorando e inconformado com o fato de estar fora e não no interior da prisão. A jornalista inconformada com “o fato inusitado”, como afirma a reportagem, aproxima-se. O senhor sentado, assustado e reagindo à equipe de reportagem, simboliza que não quer ser filmado. Essa imagem foi, pois, a última que ficou na memória da reportagem, imagem que de modo estratégico significa um preso enquanto sujeito “violento”, “perturbado”, porque esse é um dos aprendizados da sociedade moderna, o de que todo preso é signo materializado da violência. Compreender os sentidos do retorno à prisão não era tão importante para o

<sup>1</sup> Conceito usado por Certeau em a *Invenção do Cotidiano*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. para discutir a possibilidade de linguagem enquanto ação, a linguagem que interfere no real a partir do imaginar, do ficcionar e significar coisas, sobretudo, no ato da viagem.

<sup>2</sup> <http://www.citador.pt/pensar.php?op=10&refid=200405281556>, 18:09j, 09-11-2009.

<sup>3</sup> Conceito de Dostoiévski para pensar a prisão nas sociedades modernas, para pensar os diferentes conceitos de liberdade e prisão.

<sup>4</sup> Notícia on line do Jornal da Paraíba. <http://jpb2.paraiba.tv.br/>. 08/11/2009. às 16:40h.

jornal, mais importante era deixar na memória dos telespectadores a imagem de um detento “desajustado”, forçando indiretamente a penitenciária a receber de volta aquele sujeito “inusitado”, “louco”, um ex-detento.

A reportagem é mais um discurso inspirador para a criação deste texto, ao mesmo tempo em que é revelador de uma dada forma de se olhar/ver o preso, a prisão, um olhar que é na verdade “efeito” de um aprendizado secular, o qual fez crer na eficácia da prisão e que ela torna segura a sociedade e o próprio preso<sup>5</sup>.

Este texto é uma reflexão à luz da filosofia sobre a prisão e as linguagens múltiplas que os presos constroem em torno dela, dobrando definitivamente toda uma definição secular e jurídica que coloca a prisão como o lugar apenas do encarceramento, do aprisionamento da liberdade e da punição. Com Certeau, Deleuze, Foucault aprendemos que os sujeitos criam artes, estilos, obras<sup>6</sup> no cotidiano, linguagens que realizam com outros sentidos o lugar e a geografia que lhe são dados. A linguagem do sujeito ordinário cria espacialidades outras na cartografia do lugar por onde caminham os passos dos presos<sup>7</sup>; cria rizomas contra o poder ordenador das árvores<sup>8</sup>; cria resistências<sup>9</sup>, poderes micros de enfrentamento à ordem. Esta é na verdade uma contribuição que a filosofia pós-moderna estende para a história, para a história das prisões, pensar as linguagens cotidianas e ordinárias no interior da prisão, pensar que as celas, as paredes, os vazios das celas carcerárias se tornam muitas vezes espacialidades preenchidas por outros gestos, sentidos e artes de viver.

A prisão, como diz Foucault, não é só a produção do poder negativo, os homens (re)significam suas sensibilidades, suas vontades, seus sonhos. O iluminismo, segundo o autor, criou o ideal de liberdade, ao mesmo tempo em que criou o seu contrário, a

---

<sup>5</sup> Michel Foucault faz uma crítica ao sistema penitenciário moderna enquanto lugar de salvação do crime, porque a estrutura prisional é produtora de criminosa. Ver FOUCULT, Michel. *A Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979, pp 129-145.

<sup>6</sup> Conceito deleuzeano para se pensar a produção da subjetividade e os modos de subjetivação. In DELEUZE, Gilles.. Ver DELEUZE, Gilles. *O que é a Filosofia?* São Paulo: Ed. 34. 1992.

<sup>7</sup> Ver essa discussão no capítulo *Caminhadas pela cidade* pp 169-201 do livro *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994

<sup>8</sup> Ver DELEUZE, Gilles. GUATARRI, Felix. *Mil Platôs- Capitalismo e Esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996. Essa discussão em Deleuze vai mostrar as linhas da linguagem, dos gestos, suas performances, não as origens, as raízes.

<sup>9</sup> Tese central da discussão sobre os poderes capilares que faz Michel Foucault In\_\_ *A Microfísica do poder*. Op. Cit..

prisão, mas entre essas duas imagens, no vazio da prisão os presos também constroem os pontos de fugas, as rachaduras nas paredes rígidas da prisão. Se o discurso jurídico faz crer que a prisão é unicamente o lugar da norma ou da burla, as filosofias pós-modernas retomando a discussão da linguagem enquanto gesto modificador da realidade, cria outros sentidos para a prisão, talvez assim e somente assim possamos compreender a vontade de retorno do preso à prisão na reportagem supracitada.

Por que nos assustamos com o fato de um preso desejar o retorno à prisão? Que idéia se tem de preso e de prisão?

Há uma naturalização do lugar da prisão, há uma naturalização do lugar do preso. Mas há outros gestos que nos conduzem a outras interpretações. No texto “Naval e Carcerário” Michel de Certeau nos ensina sobre a linguagem que percebendo o mundo, muda ou munda<sup>10</sup>. E essa discussão filosófica do autor é fundamental para compreendermos o preso e suas percepções de mundo na prisão. No texto supracitado há um viajante a contemplar atrás da vitrine do trem, as paisagens. O viajante está paralisado, sentado, aparentemente preso aos grilhões do trem. O que tem movimento é apenas o trem, as paisagens correm na visão do viajante, mas ali sentado, contemplando, o viajante não só (re) significa o mundo da paisagem contemplado, (re) inventa sua própria vida, traz fios de memória que irão tecer novas paisagens e imprimir na paisagem notada, outro tecido de realidade. O silêncio da linguagem do viajante é o gesto transformador, como sugere Certeau:

A vidraça e a linha férrea repartem de um lado a interioridade do viajante, narrador putativo e, do outro, a força de sê-lo, constituído em objeto sem discursos, poder de silêncio exterior. Mas, paradoxo, é o silêncio dessas coisas colocadas à distância, por trás da vidraça que, de longe, faz as nossas memórias falarem ou tira da sombra os sonhos de nossos segredos (...) a vidraça e o aço criam especulativos ou gnósticos. É necessário esse corte, para que nasçam, fora dessas coisas mas não sem elas, as paisagens desconhecidas e as estranhas fábulas de nossas histórias interiores. ( 1994; p. 195)

---

<sup>10</sup> Conceito de Heidegger para pensar a constituição do sujeito nos seus atos, nas suas atividades, no tempo agora. Ver HEIDEGGER, Martins. Ser e o Tempo. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: editora Universitária São Francisco, 2008.

O discurso de Certeau inspirado em Wittgenstein<sup>11</sup> está pensando os sujeitos no ato, pensando o sentido volátil das ações. O sujeito que pensa aciona um sentido da vida para o mundo, ao mesmo tempo em que se situa num território cheio de significados que o mobiliza. Esse caráter emergencial do ato, da palavra ato é a busca da filosofia de Certeau.

Ora, esta discussão me conduz a pensar as linguagens outras dos presos na prisão. Do interior obscuro de sua cela, outras caminhadas são criadas, a idéia de lugar é questionada em nome das especialidades múltiplas que criam os presos. Há o lugar da cela, mas há sobreposta a essa, as espacialidades que criam os presos para viverem a prisão, o estado de ser-presos. E dessa maneira, a caminhada do preso é uma fuga sutil ao lugar do cárcere, uma fuga à situação tradicional de prisioneiro. É uma presença ausente, como diz Certeau à procura de si, é uma errância que faz gaguejar todo sistema penitenciário.

As análises tradicionais se resguardam apenas nos momento estruturais dos prisioneiros, acreditam que a fuga só ocorre nas rebeliões, Certeau sutilmente nos sensibiliza para as fugas mais sutis, mais invisíveis ao panóptico e por isso mais enfeitadoras dos sujeitos ordinários.

A linguagem oficial do poder faz crer que o preso é apenas um humano que perdeu sua humanidade, as celas que o colocam na situação de animal seria o momento de enquadrá-lo novamente na situação de homem-razão. O cotidiano, porém, da prisão é então o outro desse discurso. O preso com suas táticas (re) significa toda idéia de prisão, artificializa a cela, tatua nas paredes do corpo, outras práticas de liberdade. A liberdade aqui não se resume à fuga, mas a toda uma lógica de (re) invenção de práticas, desde ao uso da cela para fins domésticos, usos amorosos, usos de mobilização política até os códigos criados para disciplinarização de outros presos. A fuga, ou pelo menos a tentativa de fuga, é o ápice desse processo de táticas, de linguagens que fazem a cela, a prisão serem modificadas. Lembro-me de Larrosa<sup>12</sup>, pensando com Foucault, quando diz que até o projeto de liberdade é disciplinado, que a idéia de liberdade é uma

---

<sup>11</sup> Ver WITTGENSTEIN, Ludwig In BRUNI, José Carlos. Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

<sup>12</sup> LARROSA, J. Pedagogia profana: Danças, piroetas e mascaradas. 2. ed. Belo Horizonte, 1999.

reprodução ou cópia de outros modelos de liberdade (comunista, anarquista, socialista e outros) e que primeiro era preciso a crítica esse projeto de liberdade dado, para se viver o ato da liberdade. Os presos na prisão materializam assim no silêncio de suas linguagens outros projetos de liberdade, aqueles que não o permitem viver inteiramente a lógica da prisão. É preciso, pois, criar outras sensibilidades, para entender os diferentes projetos de liberdade na prisão.

Pensar a as vidas na prisão significa sensibilizar o olhar para compreender os seres que se constituem no tempo cotidiano, significa sensibilizar a percepção para compreender a reinvenção do espaço geométrico, da geografia física que fazem os presos, sensibilizar-se para perceber que o tempo de quem estuda as vidas na prisão é um tempo que se diferencia pelo tempo de quem vive na prisão. Se nossas temporalidades são maneiras de dar conta do movimento dos acontecimentos, os presos pensam o tempo para dar conta de sua experiência na prisão. O tempo da prisão tem outras velocidades, outras lentidões, é o tempo que se materializa no gesto de como se vive a prisão. Há a disciplina normalizando as ações, mas no espaço das fugas outras temporalidades são recriadas. Este texto é a materialização do que a literatura e a constituição do teatro na prisão trouxeram à paisagem dos meus olhos.

Com Deleuze, aprendi a pensar que os rostos dos presos são maquinarias fabricadas, o rosto do preso é um rosto marcado, e como diz Foucault, a norma, a disciplina está inscrita no corpo do indivíduo. Nesse universo de produção, em que se tem a produção de uma rostidade<sup>13</sup>, em que o poder pretende investir dentro dos indivíduos a moral universal, os buracos negros nos aparecem, que são na verdade as fugas, as dobras do lugar do ser preso, as outras sensibilidades, as subjetividades outras que produzem na estética de si o preso. O poder mesmo num regime como o da prisão não é somente negativo, cria também positividade, como afirma o pesquisador ao analisar os estudos de Foucault sobre a a prisão:

---

<sup>13</sup> Deleuze usa esse conceito para pensar o processo de subjetivação. Para o filósofo, em última instância, o rosto seria um sistema aberto a diferentes circunstâncias e possibilidades. In\_\_ DELEUZE, G. GUATTARI, F. Ano zero – Rostidade. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. In. *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 3. São Paulo: 34, 1996:

(...) a originalidade de FOUCAULT consiste em abandonar o critério tradicional dos efeitos negativos de repressão da criminalidade, definido pelas formas jurídicas e delimitado pelas conseqüências da aplicação da lei penal, para pesquisar os efeitos positivos da prisão, como tática política de dominação orientada pelo saber científico, que define a moderna tecnologia do poder de punir, caracterizada pelo investimento do corpo por relações de poder, a matriz comum das ciências sociais contemporâneas (...) (SANTOS, 1981, p.2).

A experiência com o ensino de literatura e realização de um teatro no Presídio de Caicó, especificamente na Penitenciária Estadual do Seridó em 2005<sup>14</sup> me possibilitou perceber as diversas linguagens que dão outros sentidos ao estar-presos, á vida na prisão.

## **1.2\_ Teatro na Prisão: Em Cena outras Linguagens**

“Os presos têm uma teoria da prisão”<sup>15</sup>. Esta é uma das teses de Foucault quando dos seus estudos sobre a prisão durante a sua participação no G.I.P ( Grupo de Informações sobre a prisão. Este discurso (re) pensa na verdade toda uma discussão tradicional em torno do que seja um teoria e uma prática. Michel Foucault juntamente com Deleuze defende uma teoria que é prática, por isso, os presos, que vivem o cotidiano da prisão têm uma teoria, a qual em grande medida é um combate à teoria jurídica, um combate aos estereótipos que se constroem em torno dos apenados, como se estes só tivessem o caminho da delinquência na prisão.

Inspirada principalmente na teoria de Foucault, senti a vontade de ver circular as teorias dos presos, ouvir outras falas que não só a do, gestos que não se definem porque instantâneos, gestos que se constituem no tempo-agora, gestos que são performances, ficcionados pela necessidade de se mostrar/fazer/dizer diferentes.

No primeiro dia os quatro presos homens e as três presas mulheres não erguiam o olhar, posicionavam-se como quem recebia ordem, e quando olhavam a mim e a

---

<sup>14</sup> Fui convidada para ser professora de Literatura e teatro no *Projeto Fênix: Por uma Ressocialização dos Apenados*, quando professora substituta da UFRN/CERES>

<sup>15</sup> Ver FOUCAULT, Michel. Os Intelectuais e o poder p. 76. In\_\_ A Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

agente que acompanhava o projeto de literatura e teatro, olhavam com surpresa, como se não entendessem porque estávamos ministrando aulas de literatura e teatro.

As primeiras semanas foram difíceis, houve a necessidade de desistência em quase todos, somente um, o que antes de entrar na cadeia tocava violão nos bares. Este encarou a literatura como força de vida. Mas no início tivemos que assumir a situação de psicólogas para fazê-los crer neles e que podiam e que sabiam. Pedíamos resumos da literatura ensinada e o que aquelas literaturas ensinavam, alguns trabalhos vieram em forma de verso e de desabafo pessoal, em que a idéia de que o mundo os discriminavam era comum entre todos.

Somente após esses trabalhos com a leitura da literatura, quando estávamos mais socializados, pudemos pensar o teatro, que nasceu das histórias que cada um vivenciou na prisão. As histórias eram as mais dolorosas, e no interior delas, o arrependimento, a vontade de estar em outro lugar, de mostrar para as pessoas que não eram “o assassino”, “o traficante”, “a traficante”. “a homicida”. Naquelas histórias, havia também histórias de amizades, de cumplicidades, de paixões, de traição, de saudades, de solidão, de amor. Pelo fato de haver duas penitenciárias, uma masculina e outra feminina, as histórias de paixão e amor eram muito comuns. Uma história, a que envolvia os participantes do teatro foi a trama da peça. A história tratava de um episódio em que uma das presas adocece, sente fortes dores, chegando ao hospital, a enfermeira sabendo que era uma presa e do motivo da prisão, assassinato, negou atendimento. A agente e a presa que acompanhou a amiga entra em conforto com a enfermeira, o médico aproxima-se, reclama a enfermeira e inicia o atendimento, que já ocorreu tarde, A presa não suportando as dores abdominais desfalece.

O episódio acima fez circular as teorias dos presos, as queixas dos mesmos, as sensibilidades marcadas por arrependimento e culpas, corpos marcados pelo gesto que se auto condena. Eles carregavam dentro de si o poder da culpa, o poder de um auto martírio em busca da salvação, da libertação da culpa.

As histórias ouvidas na Penitenciária conhecida popularmente por “Pereirão” me conduziram a compreender essas sensibilidades que combatem o olhar que o social cria sobre a prisão. Os presos fogem aos estereótipos, embora outros consigam reproduzir exatamente o conceito de violência e agressão. A discussão da poética filosófica de

Szondi<sup>16</sup> é outro regime discursivo-teórico que me fez perceber a tragicidade daquelas falas que se materializavam, que se castravam e que muitas vezes choravam.

Pensar o trágico nessas histórias significa analisar os conflitos, os embates de forças que os mesmo vivem no mapa da prisão, a busca pela liberdade e ao mesmo tempo a consciência de cumprir o castigo. Conflitos que atravessam a literatura grega, a qual cria seus grandes conflitos, o maior deles, o embate entre a necessidade de liberdade e o desejo de ser punido, porque o essencial da tragédia é um conflito real entre a liberdade do sujeito e a necessidade objetiva. Esse conflito não termina com a derrota de uma ou de outra, mas pelo fato de ambas aparecerem indiferentemente como vencedoras ou vencidas. (SZONDI, 2004, p.31).

Os presos analisados vivem em suas falas a constante tensão; entre a necessidade de liberdade e a necessidade objetiva de cumprir a pena, para mostrar à sociedade que pagaram a dívida, que o castigo lhes tirou o crime, evidente que essa é uma análise particular dos discursos dos presos, os quais são considerados os de “bons” comportamentos, que são socializados e que passaram por uma avaliação para estarem fazendo teatro. Este presos carregam dentro de si o trágico arquétipo de Édipo Rei, aquele que procurou a vida todo e ao longo da vida maneiras de corrigir o crime que cometeu e aliviar no castigo o alívio da culpa. As falas, os gestos dos sujeitos com que elaborei uma peça teatral trouxeram ou pelo menos realizaram a performance desse estilo trágico, o da culpa, o da necessidade de ser livre após o cumprimento da pena, mesmo vivendo os excessos da saudade e da vontade de estar no outro mundo, o mundo de fora dos ferros das grades.

Há uma multiplicidade de gestos e falas que necessariamente fogem aos rótulos, que tentam dar vida do preso na prisão e muitas vezes no fora dela. Essa multiplicidade pode ser percebida na literatura de Dostoievski<sup>17</sup>, que ao narrar a memória de Alieksandr Pietróvitch na prisão traz à luz da memória, diferentes masculinidades, diferentes gestos de presos: violentos, amáveis, carinhosos, sensíveis, os quais

---

<sup>16</sup> Ver melhor essa discussão In\_\_SZONDI, Peter. Ensaio sobre o Trágico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, ED. 2004 (Estéticas).

<sup>17</sup> Ver DOSTOIEVSKI, Fiodor. A Recordação da Casa dos Mortos. São Paulo: Martin Claret, 2006.

difícilmente criam uma definição única do preso. O preso é uma rostidade, uma maquinaria que a sociedade pretende controlar, mas dentro da prisão:

No relato de Alieksandr são muitas as formas masculinas relatadas no seu texto, com as quais aprende e ensina. Um dos primeiros aprendizados do personagem citado é que embora a prisão, a medicina, os oficiais enxergassem neles um a igualdade, como se todos fossem criminosos do mesmo nível, o cotidiano revelava homens em suas diferenças, a primeira delas, as hierarquias eram reproduzidas na cadeia, por isso a dificuldade de ele conviver com os presos inicialmente, os que tinham origem nobre, eram afastados dos homens pobres, sem cultura, a distinção não se devia a questões de sexo, de crime, mas de grupo social a que pertenciam, diferença que era reconhecida pelo poder disciplinar no âmbito das relações cotidianas, uma vez que em muitos momentos os oficiais tratavam com zelo Alieksandr Pietróvitch. Desse modo, se a prisão busca homogeneizar os corpos masculinos, o cotidiano e as relações interpessoais vão demarcando diferenças. (SILVA, 2009, p. 4)

A filosofia auxilia a pensar a prisão a partir de outro ângulo, de outra situação, convida a operacionalizar a pesquisa com outras questões, e certamente a discussão desconstrucionista e pós-moderna, que pensa os sujeitos em seus atos me possibilita entender as performances em torno do preso, sujeito que assume várias performances, mas marcado por uma vontade de verdade que o discurso jurídico, jogando com o social institui. A observação do cotidiano dos presos me fez ver outros sentidos naquela paisagem-prisão.

Senti-me durante a arte da pesquisa como o viajante de Certeau, paralisada pelas paisagens trágicas que se moviam diante dos meus olhos e falas, silenciosa para fazer circular suas teorias, e certamente do alto do meu silêncio (re) significando pausadamente todo um aprendizado sobre os presos e as prisões. E como bem lembra Szondi, aquelas são experiências trágicas, as quais vivem na memória do crime, na memória do crime a culpa, e na necessidade de livrarem-se da culpa, o desejo de criar outra porta para suas liberdades, liberdades várias. O projeto do teatro estava sendo realizado com homens que estavam buscando outras caminhadas, caminhadas desviantes porque o estudo, o acesso às atividades intelectuais se tornam caminhadas desviantes numa estrutura como a prisão, onde a produção do criminoso se dá de modo muito mais recorrente, onde a própria estrutura o leva ao mundo do crime na própria prisão.

Voltemos, então, ao preso que não queria ir para casa e tentemos entender que o senhor que chorava para voltar para a cadeia, talvez não tivesse casa, família, fato que a reportagem sequer se preocupou em perguntar, mas a rua, a rua para quem viveu na prisão é signo vivo de liberdade. Ora, mesmo a rua sem teto, sem casa é representação de uma porta para quem tantos anos viveu enclausurado. O que o gesto desse ex-detento que assim não queria ser nos ensina? Certamente que na prisão se reproduz a mesma lógica do social, com cartografias diferentes, mas com sentidos semelhantes. Na prisão também é possível a construção de elos, elos de amizades, de paternidade, irmandade, fraternidade, amor. Que os lugares e sensibilidades que achamos que só é possível num lar, numa sociedade de homens livres, também se instituem ente eles, os presos. O preso da reportagem criou com a detenção do Monte Santo uma relação com o lugar onde viveu, uma relação que se torna inexplicável e “inusitada” aos olhos de uma sociedade racionalista que defende contraditoriamente a liberdade, mesmo não compreendendo que vive entre os grilhões de outras celas, outros ferros que os dão a idéia fantasiosa de que é o preso é o outro, aquele que está na tradicional prisão.

Após essa caminhada, meu desejo de escrita é que possamos abrir um leque de várias pontas para perceber no mesmo sentido as paisagens diversas e coloridas que atravessam o universo das prisões. Os conceitos da sociedade não dão conta da sensibilidade, da outra linguagem que combate toda uma definição jurídica a colonizar e a possuir o destino do preso. O senhor que desejava chorando voltar para a prisão na verdade nos ensina outras definições de liberdade, de prisão, de estar encarcerado. Será que o encarceramento significa apenas estar entre quadro paredes de uma prisão? O senhor que quis voltar mostra que não. Não haverão outras maneiras de aprisionamento? O senhor da reportagem no meio da rua se sentia presos pelos olhos da televisão e dos transeuntes. A liberdade significa realmente o lado de fora da rua? Da cela? O senhor queria a liberdade da prisão!

## **BIBLIOGRAFIA**

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES  
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES  
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

CIRINO DOS SANTOS, A **Criminologia Radical**. Forense, 1981.

DELEUZE, Gilles. **O que é a Filosofia?** São Paulo: Ed. 34. 1992.

DELEUZE, Gilles. GUATARRI, Felix. V.3 **Mil Platôs- Capitalismo e Esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

DOSTOIEVSKI, Fiodor. A Recordação da Casa dos Mortos. São Paulo: Martin Claret, 2006.

FOUCAULT, Michel. A Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

HEIDEGGER, Martins. **Ser e o Tempo**. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: editora Universitária São Francisco, 2008.

LARROSA, J. Pedagogia profana: Danças, piruetas e mascaradas. 2. ed. Belo Horizonte, 1999.

SILVA, VANUZA SOUZA. **Crimes e Masculinidades: Questões de Kafka e Dostoievski** Anais do 5º Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades e I Simpósio Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura entre 05 e 05 de junho de 2009, na Universidade Federal de Campina Grande- UEPB.

SZONDI, Peter. **Ensaio sobre o Trágico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, ED. 2004 (Estéticas).

WITTGENSTEIN, Ludwig In BRUNI, José Carlos. **Os pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES  
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES  
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

---

ISSN 2176-4514